



PSICANÁLISE

Pierre Marie

Psicanálise, psicoterapia

Quais as diferenças?

Blucher

PSICANÁLISE, PSICOTERAPIA:

Quais as diferenças?

Pierre Marie

traduzido do francês por

Fernando Aguiar

Psicanálise, psicoterapia: quais as diferenças?

Título original: *Psychanalyse, psychothérapie : quelles différences ?*

© 2022 Pierre Marie

© Aubier (a department of Editions Flammarion), Paris, 2004.

Editores Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Isabel Silva

Tradução Fernando Aguiar

Preparação de texto Évia Yasumaru

Diagramação Taís do Lago

Revisão de texto Daniel Safadi

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora

Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Marie, Pierre

Psicanálise, psicoterapia : quais as diferenças? /
Pierre Marie ; tradução de Fernando Aguiar. - São
Paulo : Blucher, 2022.

220 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-535-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-536-7 (eletrônico)

Título original: *Psychanalyse, psychothérapie :
quelles différences ?*

1. Psicanálise 2. Psicoterapia I. Título II. Aguiar,
Fernando

22-1440

CDD 616.89

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Advertência	9
Prefácio	13
Parte I. As psicoterapias	23
A hipnose	27
As terapias cognitivo-comportamentais (TCC)	33
As outras terapias adaptativas	43
As terapias psicocorporais	63
Três outras psicoterapias famosas	77
Duas novas terapias: David Servan-Schreiber e Mihaly Csikszentmihalyi	97
Parte II. A linguagem	103
Parte III. A psicanálise	115
A especificidade da psicanálise	123
Os contendores da psicanálise	131
O protocolo do ato analítico	143

Conclusão	209
Glossário	213

Parte I. As psicoterapias

Só podemos compreender a especificidade das psicoterapias, sua função e suas diversas teorias e métodos se as inscrevemos na história, situando, para cada uma delas, o momento de seu surgimento e seus vínculos com aquelas que as precederam e sucederam.

Como já sublinhei, as psicoterapias assumiram a tarefa de práticas religiosas das quais conservaram alguns aspectos: a necessidade de dispor de uma concepção do homem e o uso de algumas técnicas, como o transe, a meditação e a confissão.

Não deixa de ter interesse lembrar que devemos a Molière a introdução do termo *therapeia* na língua francesa e a Lorenzo da Ponte, o libretista de Mozart, a mais famosa referência à chegada das psicoterapias no cenário mundial: “O Senhor Mesmer pode curar não importa quem”,¹ escreve Despina em *Così fan tutte*.

Tanto Molière como Mozart captaram essa comoção que, entre o século XVII e o fim do século XVIII, anuncia o nascimento de novas práticas ao lado das práticas religiosas com a ocorrência de

1 Ato 1, cena XVI.

novas concepções do mundo, tingidas de cientificismo e de esoterismo. Se a mecânica, com Galileu, Descartes e Newton, ocupa os espíritos, o mesmo se aplica às correntes herméticas, como a da confraria dos Rosacruzes, cujo manifesto é publicado em 1614.

De início, as psicoterapias aparecem como portadoras de uma nova concepção do homem e do mundo, se possível em conformidade com a cultura do momento: o magnetismo de Mesmer não é alheio aos trabalhos sobre o “fluido” elétrico que vão de Huygens a Franklin, e não é coincidência que as cubas de Mesmer sejam tão parecidas com as garrafas de Leyden.

Se o magnetismo de Mesmer está em consonância com os trabalhos sobre a eletricidade em voga no século XVIII, é disso que se trata sempre: as terapias cognitivas, em sintonia com seu tempo, nasceram como resposta aos trabalhos sobre a inteligência artificial (a invenção do computador) hoje na moda.

Os métodos das psicoterapias consistem, assim, em “colocar” o paciente “sob” uma concepção do homem e do mundo, isto é, em lhe propor uma correção de seu sintoma ao integrá-lo à visão do mundo que lhe é recomendada. “Colocar sob” se diz em latim *sub gero*, que deu *suggero*, depois *suggestio*. Usar a sugestão é responder ao sofrimento do paciente com palavras que explicam seu sintoma pela doutrina de referência do terapeuta.

As psicoterapias têm a convicção de dispor de um saber. Não somente inscrevem o sintoma exposto pelo paciente em uma grade de leitura que lhe fornece a significação, mas concebem seus métodos como protocolos de remissão fundados no poder de sugestão do terapeuta, associado a exercícios de aprendizagem da normalidade definida por sua doutrina de referência. Compartilham de fato com as religiões o postulado de um progresso indefinido rumo a uma harmonia na qual seria expiada a incidência no pecado, no sensível

ou na ignorância, pela administração, respectivamente, da virtude, da razão ou do conhecimento.

Este saber reivindicado pelas psicoterapias tem como objetivo assegurar o bem dos pacientes. Veremos que todas se propõem promover sua “felicidade”.

Não por acaso as duas obras mais vendidas no inverno de 2003-2004 tinham por título *Curar e Viver: a psicologia da felicidade*.

Todas as psicoterapias são, nesse aspecto, procedimentos de reparação do narcisismo por uma adaptação à ordem do mundo proposta.

Aqui está a mola propulsora desse poder. Todo sofrimento psíquico (transtorno sexual, conjugal, familiar, profissional, conversão somática, hipocondria, pensamentos obsedantes etc.) induz a ideia de que haveria em algum lugar um saber sobre ele, e é a crença na realidade desse saber que, uma vez circunscrito numa dada pessoa, suscita o amor que lhe dedicamos e que doravante nos torna sensíveis a seus propósitos.

Amamos quem possui algum saber sobre nós, como mostra a relação que mantemos com nossos pais, educadores, professores, mestres.

Contudo, como veremos, o amor é também o limite da ação de toda psicoterapia.

Resta-nos agora considerar, uma por uma, as principais psicoterapias contemporâneas.

A hipnose

Se o nome *hupnos*, sono, vem de James Braid, cirurgião escocês que se tornou adepto do mesmerismo ao assistir a uma sessão de magnetismo em 1842, a coisa é mais antiga e não é alheia ao transe do xamanismo ou do exorcismo: o efeito sobre um sujeito de uma pessoa que tem sobre ele alguma autoridade devido ao saber que esse sujeito lhe atribui.

Mas, contrariamente ao nome que lhe deu Braid, a hipnose não é um estado de sono, é antes um estado de vigília paradoxal em que o hipnotizado, embora isolado do mundo exterior e mostrando todos os sinais do sono, responde a todas as solicitações do hipnotizador.

Os seres humanos têm, manifestamente, uma inclinação para responder às solicitações daqueles que se investem de certo saber sobre eles.

É em 1774, com um jesuíta, astrólogo e curandeiro, padre Maximilian Hell, diretor do Observatório de Viena, que Mesmer descobre o poder da sugestão. Ele conserva a técnica do jesuíta, a

utilização de ferros imantados, e a transforma, atualizando-a: a garrafa de Leyden.

Manda construir cubas de madeira que enche de água, vidro moído, limalha, e, pela tampa perfurada, retira barras de ferro seguradas pelos doentes, dispostos em círculo ao redor e unidos por uma corda, enquanto Meamer se fixa em seus olhos um por um, apontando-lhes uma vareta. Era “o inferno das convulsões”: assim eram chamadas as sessões de Mesmer, durante as quais ele exigia que se tocasse Mozart num cravo.¹

Por quase dez anos, ele trata as “vaporosas” de Viena na sua bela propriedade proveniente do casamento com uma rica viúva. Em seguida, em 1777, um escândalo relacionado aos “cuidados” dispensados a uma moça cega obriga-o a se mudar para Paris, aonde chega em 1778: o sucesso é rapidamente alcançado, até que as investigações instauradas por Luís XVI o forçam, em 1785, a fugir mais uma vez.

Foi um de seus alunos, Armand de Puysegur (1751-1825), que, tendo assistido às sessões no palacete da Praça Vendôme, destaca a influência do magnetizador sobre o magnetizado durante o tratamento de um jovem camponês, Victor Race, que sofria de transtornos respiratórios: a teoria do fluido é abandonada pela teoria psicológica.

Não podemos hoje imaginar o sucesso do magnetismo: não somente Mesmer enriqueceu em alguns anos, como Puysegur vê confluir para seu castelo de Buzancy milhares de doentes, obrigando-o a magnetizar um grande olmo na praça do vilarejo para ajudá-lo em seu trabalho (técnica já utilizada por Mesmer para dar conta da

1 O jovem Mozart foi um amigo muito estimado de Mesmer, em cuja casa organizou a primeira representação – ele tinha doze anos – de sua ópera *Bastien e Bastienne*.

afluência de doentes): os pacientes contentavam-se em tocar uma folha da árvore para serem curados.

Enquanto Puységur atende em seu vilarejo, José de Faria, padre português, instala-se em Paris, em 1813, na Rua de Clichy e codifica o método: deve-se a ele o “Concentre-se!”, seguido do “Quero que você durma”. Imediatamente celebrado por toda Paris, seu renome desmorona a partir de 1816, ao mesmo tempo que é colocado em cena numa peça de *boulevard*² com o cognome de abade “Soporito”. Mas Alexandre Dumas faz dele um dos seus personagens em *O conde de Monte Cristo*, e Bernheim reabilita sua memória: foi o primeiro a destacar que a hipnose não depende apenas do carisma do hipnotizador, mas da sensibilidade do hipnotizado.

O método se propaga; é praticado por Pétetin em Lyon e Deleuze publica a *História crítica do magnetismo animal* (1819): pela primeira vez é salientado que “o paciente recupera em sua memória a recordação de coisas esquecidas”.

Graças a magnetizadores franceses, a técnica espalha-se por toda a Europa e Estados Unidos: Braid é formado por um deles, na Inglaterra, e Quimby, por outro, nos Estados Unidos. No final daquele século, havia mais de quinhentos hipnotizadores instalados em Paris.

No entanto, é o entusiasmo de dois professores universitários, Bernheim, em Nancy, e Charcot, em Paris, pela hipnose que vai assegurar seu reconhecimento: o primeiro sustentando uma tese psicológica, o segundo, por uma tese organicista,³ mas ambos

2 A comédia de *boulevard* designa um teatro convencional que utiliza os meios clássicos da comédia (mal-entendidos, ironia dramática, jogos de palavras etc.) para provocar riso fácil com o objetivo de divertir, mesmo que por detrás do cômico se esconda uma crítica social mais ou menos dissimulada. [N.T.]

3 Charcot defendia o caráter fisiológico da hipnose, cuja manifestação mais leve constituiria a sugestão, e Bernheim, seu caráter psicológico, isto é, a hipnose

rejeitando a teoria do fluido. Tiveram o mesmo aluno, que deles foi também tradutor: Freud.

Depurando o poder da sugestão, Freud destaca a função da transferência* e, portanto, do fantasma*; pôde assim abandonar a hipnose e dar origem à psicanálise.

A hipnose, entretanto, continua a suscitar pesquisas.

Primeiro, há os trabalhos de Oskar Vogt, que se apoiou na auto-hipnose e que teve duas famosas aplicações:

- o método de Émile Coué (1857-1926), que inspirou a psicoterapia integrativa de Charles Baudoin e cuja influência nos Estados Unidos se faz sentir nas psicoterapias atuais como a análise transacional ou a programação neurolinguística;
- o treinamento autógeno de J. H. Schultz (1884-1970).

Há, em seguida, a sugestão hipnótica à distância ou telepatia, que chama a atenção de cientistas como Richet, Vassiliev e Freud.

Há enfim, nos Estados Unidos, os trabalhos de L. Clark Hull, professor da universidade Yale, que se engaja a partir de 1933 numa exploração metódica da hipnose. Deve-se sua renovação clínica e terapêutica a um de seus alunos, Milton Erickson, mesmo que Léon Chertok e, sobretudo, Alfonso Caycedo, o inventor da sofrologia, tenham dado sua contribuição.

Milton Erickson é hoje, portanto, a maior referência da hipnose. Ora, raramente um psicoterapeuta terá reivindicado tanto a filiação entre sua própria história e sua prática. Confrontado ainda criança a duras provações (surdez parcial, dislexia, poliomielite), Erickson as teria superado com estratégias de reeducação, autoelaboradas graças a uma imaginação prolixa, até mesmo alucinatória. Assim, tornando-se psiquiatra, empenha-se em suscitar nos pacientes a

como efeito ou produto da sugestão. [N.T.]

própria imaginação deles para modificar seus comportamentos e mesmo retomar suas aprendizagens mais precoces, arriscando-se na realização de verdadeiros espetáculos com a participação de mediadores exteriores à relação médico-paciente.⁴

Esses dois aspectos de seu método o aproximam tanto das práticas comportamentais (o próprio Pavlov utilizou a hipnose para corrigir condutas julgadas inadaptadas) como das práticas sistêmicas da terapia familiar: foi mesmo um dos inspiradores da escola de Palo Alto.

O protocolo da hipnose associa:

- a redução dos estímulos exteriores para criar um ambiente relaxante, com o cliente sentado ou deitado;
- a indução de uma instrução que conduz o cliente a fixar sua atenção sobre um objeto ou uma ideia, de modo a induzir o transe;
- a sugestão de instruções que visam à modificação dos comportamentos ou à revivescência de emoções para obter uma redução dos sintomas.

O transe coloca o corpo num estado de letargia e de catalepsia (a musculatura voluntária é inibida), permitindo-lhe adotar estranhas posturas sugeridas pelo terapeuta, ao mesmo tempo que suscita uma imaginação e sensações prolixas segundo graus de profundidade que chegam à possibilidade de intervenções cirúrgicas sob hipnose.

Um verdadeiro pacto que une previamente o cliente a seu terapeuta, e no qual o objetivo pretendido é definido pelo protocolo em função dos sintomas apresentados, parece ser a condição de sua melhoria, como se o pacto, antes mesmo do transe, já fosse uma operação de sugestão.

4 Haley, J. (1995). *Um thérapeute hors du commun, Milton H. Erickson*. Paris: Desclée de Brouwer.

Tendo logo ficado evidente que um número bastante restrito de pessoas podia contar com esta técnica, temos de admitir que aqueles que a utilizam, como as “vaporosas” de Mesmer, sabem com antecedência que são sensíveis a ela e nela encontram o conforto desejado, a ponto de a questão das indicações e dos resultados tornar-se supérflua aqui: o sintoma é facilmente curado sob hipnose, o que não significa, é claro, que nos curamos sob hipnose. Um sintoma eliminado pelo efeito da sugestão é, com frequência, substituído por outro.



Todas as civilizações, em todas as épocas de sua história, criaram psicoterapias para tentar aliviar os homens de seus sofrimentos psíquicos. Mas, com Freud, surge uma técnica radicalmente diferente: a psicanálise. Hoje temos acesso a múltiplas psicoterapias e ao tratamento analítico. No entanto, sabemos exatamente quais são as diferenças entre essas práticas? O que implica a decisão de se envolver em um caminho em vez de outro? Este livro apresenta um panorama das diversas psicoterapias atuais, situando-as no contexto de seu aparecimento e especificando seus pressupostos, técnicas e objetivos. Uma síntese sobre a psicanálise nos permite identificar sua especificidade: desde as condições de sua descoberta até suas últimas realizações, desde os princípios de seu método até a particularidade de seus efeitos.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-535-0

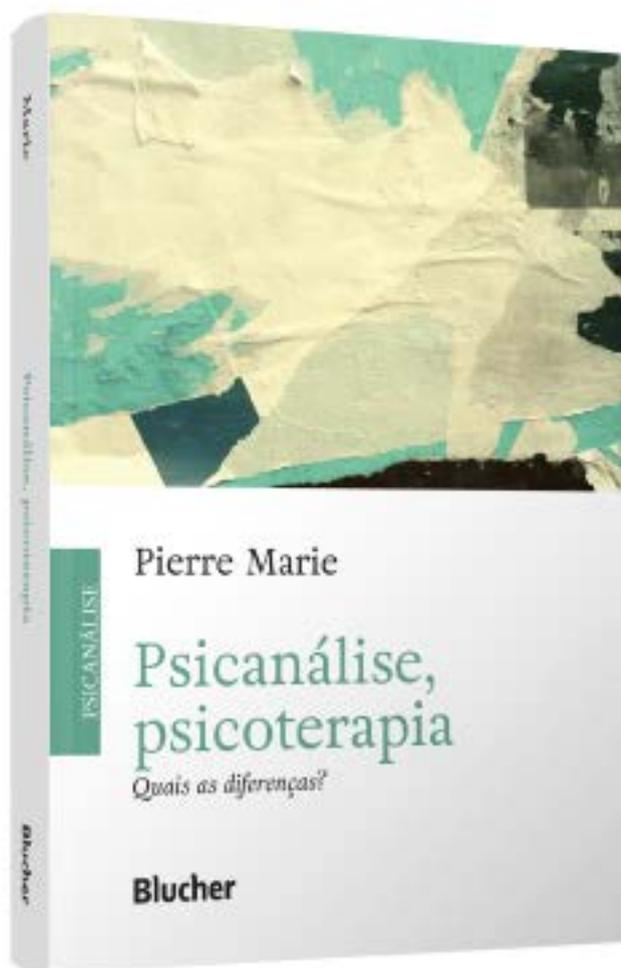


9 786555 065350



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicanálise, Psicoterapia

Quais as diferenças?

Pierre Marie

ISBN: 9786555065350

Páginas: 220

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
